SOCIEDADE BRASILEIRA DE MALACOLOGIA
Strombus goliath Schröter, 1805
FUNDADA EM 18 DE JULHO DE 1988

ISSN 0102-8189

INFORMATIVO SBM

N.º 81 MAIO 1988

EMBLEMA DO XI ENCONTRO BRASILEIRO DE MALACOLOGIA

Qual será o emblema do XI E.B.M. ? Por sugestão, apresentamos tentativamente, um gastrópodo para representar o molusco símbolo. Murexiella hidalgoi (Crosse, 1869) ocorre do Norte da Carolina a Flórida, Antilhas e Golfo do México. No Brasil sua ocorrência foi ao largo de Bujuru, Rio Grande do Sul a 294 metros. Gostaram da idéia ? Qual a espécie que escolheriam para aparecer no emblema ? Escrevam para o Informativo SBM. Participem!

SOCIEDADE BRASILEIRA DE MALACOLOGIA

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA - INSTITUTO DE BIOCIÊNCIAS U.S.P.
C.P. 20.520 CEP 01498 SÃO PAULO-SP

DIRETORIA

PERÍODO 1987/1989

PRESIDENTE: WALTER NARCHI

VICE-PRESIDENTE: JOSÉ LUIZ MOREIRA LEME

1º SECRETÁRIO: OSMAR DOMANESCHI

2º SECRETÁRIO: TOSHIE KAWANO

1º TESOUREIRO: JULIO COLELLA

2º TESOUREIRO: SÔNIA GODOY B.C. LOPES

EDITORES DE NOTICIÁRIO: WALTER NARCHI, KAORU HIROKI, JORGE F. VAZ

SUMÁRIO

O símbolo do XI E.B.M. 1

Sumário 2

Programas e futuros projetos 3-4

Aspectos ecológicos e adaptativos de alguns bivalves do litoral paulista VII 5-6-7-8

Para o seu álbum 9-10-11-12

Vamos manter uma atividade interessante ? 13

Página do sócio 14-15-16

Correspondência recebida 17-18-19

Publicações recebidas 20

PROGRAMAS E FUTUROS PROJETOS

COORDENADORIA DE SÃO PAULO

Reunião Mensal

Como é costumeiro, os sócios e convidados reuniram-se em São Paulo, no terceiro sábado para o encontro usual e de confraternização. Com cerca de 25 pessoas presentes, entre sócios e convidados, realizou-se a reunião de maio, na qual foram feitas trocas, identificações de espécimes de moluscos e algumas vendas. O sócio Sérgio Lopes Cominatto doou à Sociedade dois espécimes de Olivella formicacorsii e o sócio Luiz Ricardo R. de Simone entregou mais um artigo para a página do sócio do Informativo SBMa. O ponto alto da Reunião foi a palestra do sócio Manuel de Souza e Silva, intitulada "A concha na vida do homem" onde abordou os temas das artes, ciência, religião, arquitetura, lazer, alimentação etc. Projetou inúmeros "slides" sobre a fauna da costa de Moçambique, África, comentando aspectos curiosos acerca de cada espécie e mostrando o conhecimento da fauna local. Deixou transparecer também a imensa saudade que sente da vida e dos locais que deixou.

A reunião terminou horas depois dentro do ambiente de confraternização e amizade que sempre marcam os encontros da Coordenadoria de São Paulo.

COORDENADORIA DE PERNAMBUCO

Recebemos de Rosa de Lima Silva Mello, Coordenadora de Pernambuco o relato transcrito abaixo onde se evidencia a programação a ser realizada.

"Informo que a convite da Universidade Federal do Maranhão estivemos ministrando Curso de Atualização em Sistemá-

tica e Ecologia de Moluscos a nível de pós-graduação, durante o período de 04/04 a 14/04/88 no Departamento de Biologia, com a participação de 09 docentes incluindo graduados em Ciências Biológicas, Oceanografia e em Química Industrial.

As pesquisas no pequeno Museu de Malacologia continuam firmes, sobre micromoluscos, reprodução de Bivalvia (tese de aluno de Mestrado) Sistemática de Scaphopoda (Monografia de bacharelado) Sistemática de Polyplacophora (Bolsa de Aperfeiçoamento do CNPq).

Desse modo vou preenchendo as horas com uma atividade útil não só a mim como àqueles que estão iniciando a carreira.

Faço votos que todos os que fazem a Sociedade aí, estejam em franco progresso, principalmente no que se refere à Malacologia."

CALENDÁRIO DE REUNIÕES - ANO DE 1988 - da Coordenadoria de Pernambuco

MÊS	DATA	DIA	LOCAL	HORA
Maio	26	Quinta-feira	UFRPE - Pesca	15:30 h.
Julho	28	Quinta-feira	Depto de Pesca	15:30 h.
Setembro	22	Quinta-feira	Depto de Pesca	15:30 h.
Dezembro	15	Quinta-feira	Depto de Pesca	15:30 h.

Worldwide Specimen Shells
EDWARD T. SCHELLING
P.O. Box 68
Shalimar, Florida 32579 U.S.A.
904 · 244 · 5646

M. florifer dilectus

ASPECTOS ECOLÓGICOS E ADAPTATIVOS DE ALGUNS BIVALVES DO LITORAL PAULISTA

(continuação)

VII

Walter Narchi

Em *D. hanleyanus* e em *I. brasiliensis*, ao contrário do que ocorre em *A. brasiliana* e *T. mactroides*, o intestino médio e o saco do estilete abrem-se separadamente, mas próximos um do outro na parede antero-ventral do estômago. O saco do estilete dirige-se para a região anterior e basal do estômago e se estende até a região anterior do pé. O intestino curva-se na parte anterior da massa visceral, dorsalmente ao saco do estilete e então dirige-se para a região posterior, ao longo do lado direito do corpo, passando para a região posterior da massa visceral. Em *D. hanleyanus* o intestino dirige-se para a região dorsal como intestino posterior, chega ao pericárdio, atravessa o ventrículo, sai do pericárdio, passa sobre a superfície dorsal do músculo adutor posterior e vai se abrir no ânus de maneira típica. Em *I. brasiliensis* o intestino dá uma volta frouxa e depois três muito juntas antes de entrar no pericárdio, o que acontece também em *Sorobicularia plana* (Graham, 1934:173) e *Egeria radiata* (Purchon , 1963:265).

A. brasiliana e *T. mactroides* apresentam esôfago achatado dorso-ventralmente. O saco do estilete e o intestino combinam-se e se continuam da região posterior basal para baixo em direção ao pé. A cavidade combinada do estilete cristalino e intestino médio, incompletamente separada pelas tiflossoles maior e menor , tem início na região póstero-ventral do estômago. O intestino médio passa da região distal deste tubo alargado para a região anterior, no lado ventral do estômago, onde se enrola e continua para trás em direção dorsal, ao lado do saco do estilete, formando o intestino posterior. Este atravessa o pericárdio, penetra no ventrículo e bulbo aórtico, descreve um arco sobre o músculo adutor posterior e termina na papila anal. Os trabalhos de Narchi (1972, 1972a) dão uma descrição detalhada do estômago dessas espécies.

O estômago de *A. brasiliana* e o de *T. mactroides* parecem estar bem adaptados a tratar rapidamente com partículas finas ,

ao passo que o de *D. hanleyanus* e de *I. brasiliensis* aceitam partículas maiores e o estilete atua como um eficiente órgão de trituração tornando praticamente desnecessária a presença de uma área de separação de partículas muito desenvolvida.

PERICÁRDIO

Está localizado dorsalmente, entre a extensão supra-axial das demibrânquias externas dos ctenídios, envolvendo o coração (Fig. 1). Delimita-se nas regiões anterior, dorsal e lateral com as duas metades do manto, atrás com o músculo adutor posterior e ventralmente com o rim e o seio venoso. As indicações de Krug (1922:157) foram seguidas para o estudo do pericárdio. O coração encontra-se perfurado pelo reto. O ventrículo é grande e globoso em *A. brasiliana* e *T. mactroides*, sendo mais desenvolvido na região ventral e maior na última espécie.

A união entre átrios e ventrículos ocorre na região latero-frontal, no lado ventral do ventrículo. A abertura é estreita, podendo ser fechada por válvulas átrio-ventriculares. A partir desse ponto os átrios alargam-se lateralmente, inserindo-se em todo o comprimento da parede ventral do pericárdio. A aorta anterior e posterior saem do ventrículo, sendo que na região posterior encontra-se o bulbo aórtico, maior em *A. brasiliana* que em *T. mactroides*.

Em *I. brasiliensis* o ventrículo é quadrangular e maior que o de *D. hanleyanus*, que é alongado. O bulbo aórtico existe. É mais desenvolvido em *I. brasiliensis*, de forma alongada como acontece em *Anaphis* (Pelseneer, 1911: 62). Em *D. hanleyanus* é praticamente inexistente.

Glândulas pericardiais existem, sendo seu desenvolvimento maior na região posterior.

Bulbos aórticos desenvolvidos na aorta posterior são comumente encontrados em Veneridae, Petricolidae e Mactridae (Pelseneer, 1906:75).

NEFRÍDIOS

Os nefrídios situam-se entre o pericárdio e o músculo adutor posterior, permanecendo na parte externa e anterior dos retratores do pé. De maneira geral constituem-se por um par de tubos comunicando o pericárdio com a cavidade externa do manto. Os dois nefrídios comunicam-se através de uma grande abertura mediana. Tem o formato de um U, iniciando-se por um largo funil ciliado no pericárdio (duto reno-pericardial), que representa um canal forrado por cílios e terminando no lado externo do corpo, próximo à base das brânquias, antes da abertura do duto reno-pericardial.

Segundo Odhner (1912:290) a parte pericardial é a região proximal e a posterior a região distal.

A região proximal contém epitélio ciliado e a distal é excretora formada por células caliciformes com núcleos basais e luz da célula com concreções, que são produtos de excreção.

A abertura externa do nefrídio está situada externamente em relação ao conectivo cérebro-visceral, na frente e abaixo do nefrostômio e separada das aberturas genitais.

SISTEMA NERVOSO

O sistema nervoso é homogêneo quanto à sua estrutura e é composto por um sistema de nervos que varia pouco entre as espécies. Gânglios cerebrais, pedais e viscerais estão localizados respectivamente na região anterior dorsal, anterior ventral e posterior dorsal, do corpo do animal.

Os gânglios cerebrais, simples e bem desenvolvidos, localizam-se de cada lado do esôfago, atrás do músculo adutor anterior unidos por uma comissura supra-esofágica. O maior dos nervos da região anterior é o nervo paleal anterior, que se origina na face anterior do gânglio cerebral, contorna o músculo adutor anterior e inerva o manto. Na região ventral divide-se em dois ramos, um dorsal outro ventral, este continua-se ao longo da margem do manto como nervo circumpaleal, do qual numerosos nervos se originam. O ramo dorsal dirige-se junto à parte externa do músculo a-

dutor anterior em direção dorsal. Os gânglios cerebrais estão em contato com os gânglios viscerais graças aos conectivos cérebro-viscerais que saem da face posterior dos primeiros.

Os gânglios pedais localizam-se na parte dorsal do pé, fundem-se e formam um gânglio arredondado situado na linha mediano ventral, junto ao intestino: dois grandes nervos ali originados inervam as duas faces do pé.

O conectivo cérebro-pedal origina-se na superfície posterior e de cada gânglio cerebral, passa obliquamente em direção à região posterior e entra no gânglio pedal na superfície antero-dorsal.

Os gânglios viscerais ficam na face anterior do músculo adutor posterior. Situam-se próximos e são unidos por uma comissura visceral bem desenvolvida. Através dos conectivos cérebro-viscerais, que entram na região antero-dorsal dos gânglios, estão em contato com os gânglios cerebrais.

De cada gânglio visceral originam-se lateralmente três nervos mais desenvolvidos. Em direção anterior, ao longo do eixo dos ctenídios, existe o nervo ctenidial, o nervo adutor posterior que inerva o músculo adutor posterior e o nervo que vai até o processo sifonal e região posterior do manto. Este último ramifica-se e inerva grande parte do manto.

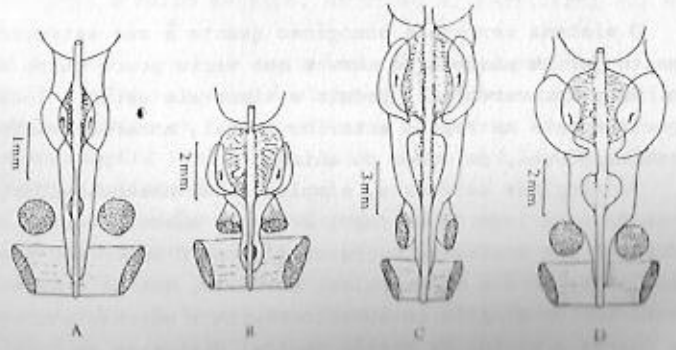

Fig. 1 - Esquema da vista dorsal da região do pericárdio: A, *Donax hanleyanus*; B, *Tivela mactroides*; C, *Iphigenia brasiliensis*; D, *Anomalocardia brasiliana*.

Família CASSIDAE Swainson, 1832
(continuação)

Phalium Link, 1807

Concha de tamanho médio, globosa a moderadamente alongada; varizes presentes(1-7) ou ausentes; volta do corpo bem arredondada, lisa ou esculturada e espira moderadamente baixa e acuminada; abertura ampla, ovalada; lábio externo com dentes ou pregas na margem interna e região basal externa lisa ou com 4-5 espinhos curtos e agudos; calo parietal moderadamente desenvolvido, com a região basal expandida e de superfície lisa, papilosa ou finamente rugosa; canal sifonal curto, refletido para a face dorsal da concha.

Phalium granulatum granulatum (Born, 1778) (Figura 6A)

Distribuição: Carolina do Norte (EUA) até Uruguai; Índias Ocidentais; Bermuda.
BRASIL: Amapá até Rio Grande do Sul.

Habitat : fundos arenosos e areno-lodosos de águas rasas.

Características: concha globosa-ovalada, com até 110 mm de comprimento. Protoconcha papilosa, com 3 1/2 voltas lisas, vítreas. Teleoconcha com até 6 1/2 voltas abauladas, creme clara, com manchas quadrangulares de cor marrom escura, dispostas em espiral e axialmente; espira moderadamente alta, aguda e ocasionalmente de perfil côncavo; ornamentação constituída por numerosos sulcos espirais profundos, cortados por linhas axiais, formando um padrão reticulado e granuloso, mais acentuado na espira e geralmente pouco evidente na volta do corpo; 1-3 varizes podem estar presentes. Lábio externo fortemente refletido, com numerosas pregas na margem interna, prolongando-se pelo interior da concha. Lábio interno com pregas fracas por toda extensão; calo parietal aderido em sua metade posterior e livre na anterior, esta com pequenos nódulos.

ISSN 0102-8189

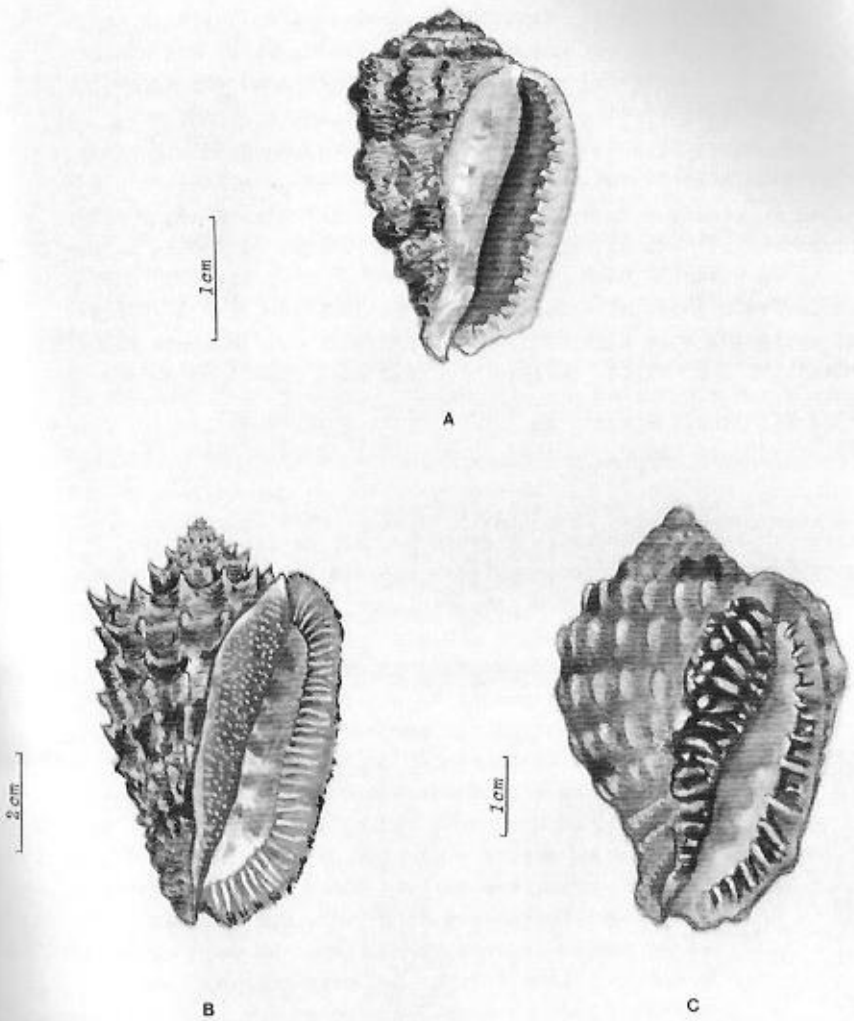

Figura 5. A - *Morum oniscus* (Linné, 1767)
B - *Morum dennisoni* (Reeve, 1842)
C - *Morum matthewsi* Emerson, 1967
A, B e C - concha vista pela região da abertura

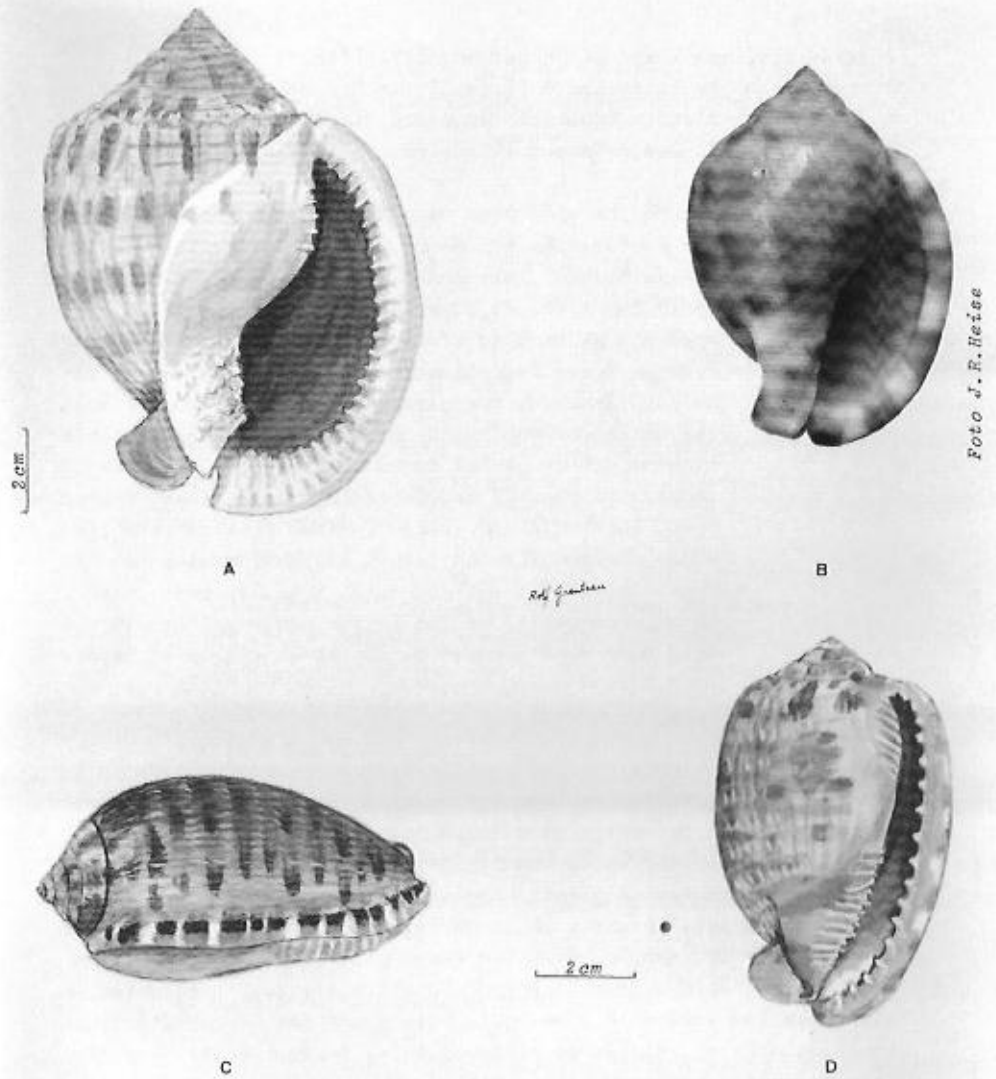

Figura 6. A - *Phalium granulatum granulatum* (Born, 1778)
B - *Phalium labiatum iheringi* Carcelles, 1953
C e D - *Cypraecassis testiculus testiculus* (Linné, 1758)
A, B e D - concha vista pela região da abertura. C - em vista lateral direita

Phalium labiatum iheringi Carcelles, 1953 (Figura 6B)

Distribuição: Espírito Santo (Brasil) até Mar del Plata (Argentina). BRASIL: Espírito Santo até Rio Grande do Sul.

Habitat : fundos arenosos e lodosos, de 25 a 55m de profundidade.

Características: concha com até 102mm de comprimento, globosa-alongada. Protoconcha bulimóide, com 4 voltas lisas, branca-amareladas. Teleoconcha com até 5 voltas moderadamente convexas, de coloração creme clara, com faixas espirais de manchas brancas associadas a manchas marrons em forma de cabeça de flecha; superfície externa com linhas de crescimento tênuis e ombro das voltas de alguns espécimes fracamente noduloso. Lábio externo com 5 grupos de manchas marrons e margem interna lisa ou mais freqüentemente com alguns dentes pouco desenvolvidos. Lábio interno praticamente liso, a não ser por algumas pregas espirais presentes na região anterior; calo parietal liso, transparente, pouco perceptível na sua região mediana posterior e mais espesso e elevado da concha na metade anterior.

Cypraecassis Stutchbury, 1837

Concha oblonga, de tamanho médio, pesada. Protoconcha bulimóide, grande, translúcida, com 4-5 voltas. Teleoconcha com espira deprimida; abertura estreita e longa; canal sifonal curto e refletido para a face dorsal da concha; margem interna do lábio externo apresentando dentes ou pregas simples ou aos pares, em toda extensão; calo parietal grande; lábio parietal com pregas estreitas ou dentes em toda extensão. Espécies deste gênero raramente produzem mais que um lábio externo espessado durante a vida e o encontro de espécimes com varizes é ocasional. Esta é uma das características contrastantes em relação ao gênero *Cassis*; neste, várias espécies possuem muitas varizes.

(conclui no Inform. nº 82)

ISSN 0102-8189

OFERTAS - TROCAS - PEDIDOS

VAMOS MANTER UMA ATIVIDADE INTERESSANTE ?

Temos recebido cartas de diversos associados do Brasil e mesmo do exterior sobre a possibilidade de trocar, conseguir espécimes de moluscos em bom estado, adquirir livros ou conhecimentos especializados. Aqui estão alguns pedidos:

- ROSA DE LIMA SILVA MELLO - R. Prof. Francisco da Trindade, 198 Campo Grande - 52031 Recife PE: Informa que a Coordenadoria de Pernambuco tem em depósito para troca ou venda exemplares de:

Spondylus ictericus	Strombus goliath
Turbinella laevigata	Pugilina morio
Vasum cassiforme	Fasciolaria aurantica
Strombus gallus	Fasciolaria tulipa
Voluta ebraea	Ancilla lienardi

- GUARNIERI ROCCO SANTE - Via Giuseppe Baccaro nº 2/H 70010 Locorotondo (BA) - ITALIA deseja se corresponder com conquiliólogo para troca de conchas, tendo disponível material do Mediterrâneo em particular.

VOCÊ CONSEGUIU TROCAR OU ADQUIRIR ALGUM EXEMPLAR? ESCREVA INFORMANDO; SE QUIZER FAZER PARTE DA RELAÇÃO DE INTERESSADOS NÃO SE ACANHE: ESCREVA PARA O EDITOR DA SBM E BOA SORTE ! PARTICIPE!

PÁGINA DO SÓCIO

"ORGANIZANDO A COLEÇÃO DE MOLUSCOS"

Luiz Ricardo Lopes de Simone

Coleção, como o próprio nome diz, é um conglomerado de coisas com alguma afinidade entre si, ou seja, um amontoado de conchas, torna-se uma coleção a partir do momento que lhe é dado uma organização.

Quais de vocês, que têm coleção de conchas conseguiria responder as seguintes perguntas: 1) Quantas conchas exatamente sua coleção tem? 2) Onde certa espécie está localizada dentro da coleção? 3) Quantas espécies você possui de uma determinada família ? 4) Se for apresentada uma determinada espécie, saberá de imediato se a possui ?

A organização de uma coleção é muito particular, cada colecionador deve encontrar um que mais o identifique. Tentei vários tipos de organização, mais tarde detalharei a que mais achei prática.

Organizar a coleção é uma coisa trabalhosa, leva tempo, paciência e muito amor à aquilo que faz. É ilusório tentar guardar todos os dados na memória, pois à medida que a coleção cresce, os lapsos de memória e os enganos também crescem. O ideal é que desde o início da coleção haja uma organização, a ponto de que quando esta ficar grande, o colecionador continue com pleno controle sobre seus dados. Porém se sua coleção já é grande, mas ainda não possui uma organização plena, não desanime, aconselho a reter um período somente para isso, contando com a colaboração de amigos e familiares, que sempre poderão ajudar.

Há 3 tipos de organização para a coleção: 1) arquivo, 2)atas

e 3) computador, há também as mistas. A que optei é pela segunda , mas passo a explicar concisamente as outras duas:

Arquivos: é necessário a confecção de fichas de cartolina, onde cada uma consta a completa classificação zoológica (de classe à espécie), procedência, coletor, dados da coleta, etc. para cada espécie de sua coleção. A vantagem desse método é que grande quantidade de dados pode estar em suas mãos instantaneamente, e é muito prático, porém como desvantagem há a necessidade de algum índice para achar a ficha de espécie que queira, e o arquivo ocupa muito espaço.

Computador: não sou o melhor indicado para falar sobre esse método, possuo um computador e várias vezes tentei colocar os dados da coleção nele, acredito apenas não ter achado um programa ideal , mas em todos que tentei, encontrei as seguintes barreiras: 1) A função arquivo ocupa muito espaço na memória do computador, permitindo trabalhar com poucas espécies de uma vez, precisando realimentar a memória cada vez que não encontrar os dados que queira (talvez um computador mais potente, tipo IBM, elimine esse problema). 2)A digitação de qualquer letra do nome errado ou alterado,como por exemplo *poecillus* ao invés de *poecilus*, o computador não achará o que procura, dando dados negativos errôneos. 3) Qualquer dano à fita ou disquete, você perderá todos os dados (fazê-los em duplicatas resolve o problema, mas aumenta o trabalho).

Um programa bem simples, apenas com dados específicos, para saber se tem ou não tem a espécie, é o seguinte:

```
01 imput A$
02 if A$ = "Cypraea zebra" then goto 9998
03 if A$ = "Conus regius" then goto 9998
```

```
04 if A$ = "Strombus pugilis" then goto 9998
        . . . .
        . . . .
9996 print A$, "NÃO TENHO"
9997 goto 1
9998 print A$, "JÁ TENHO"
9999 goto 1
```

como já se imagina, esse programa diz se você tem ou não a espécie, caberá nesse programa, teoricamente, 9995 espécies.

Passo agora a detalhar a forma que adoto para minha coleção, é até certo ponto complexo, mas é o produto de 20 anos de necessidades e aprimoramentos.

A organização da coleção não é apenas para mostrar dados para os outros, é uma ajuda fundamental para sua própria coleção, principalmente na hora de comprar ou trocar espécies, para você não adquirir espécies repetidas.

Antes de começar, acho cabível uma discussão sobre a numeração dos espécimes. Há 2 tipos: 1) lotes e 2) por espécies. O primeiro tipo consiste na numeração do conjunto "espécie + procedência + data", a variação de qualquer unidade desse conjunto acarretará num número diferente. Esse tipo é ideal para museus, pois várias pessoas o manipulam, o caráter "espécie" tem um certo dinamismo, mudando com os estudos ou pode ser até indeterminada, e há grande quantidade de material, necessário para pesquisas e estudos. Agora para uma coleção particular, acredito que uma numeração por espécie é perfeitamente cabível. No meu tipo de organização há também lotes mas esse está submetido a um número original, por exemplo, a espécie nº 1345 pode aparecer: 1345B (lote B) ou 1345/62(lote 62 da espécie 1345) mais tarde esclarecidos.

Adaptei-me a organizar passando cada espécie da coleção em 2 atas, uma etiqueta e eventualmente outros 2 fichários auxiliares.

(continua)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

- de JORGE RAFFUL KANAWATY, Diretor de Treinamento e Transferência de Tecnologia, encaminhando jogos de calendário dos Cursos CETESB para 1988 para serem afixados no Quadro de Aviso da Instituição.
- de NELSON MACULAN FILHO, relatório da Comissão de Sociedades Científicas, realizada em 03.05.1988 no IMPA/CNPq, RJ, cópia do telex encaminhado pelo Reitor da USP sobre a posição daquela Comissão para deliberar sobre propostas de orçamento público federal em C & T.
- de SONIA M. DIETRICH, Secretária Executiva "ad hoc" da Comissão de Sociedades Científicas convidando para a reunião a ser realizada no RJ em 03.05.1988.
- de SERGIO DE MOURA ARAUJO (RJ) encaminhando cheque e proposta para associar-se à SBM.
- do sócio LUIZ RICARDO LOPES DE SIMONE (SP) encaminhando seu novo endereço e um artigo para ser publicado na PÁGINA DO SÓCIO.
- do sócio LUIZ ALONSO FERREIRA (SP) encaminhando pagamento da anuidade de 1988 e enviando alguns panfletos do Museu do Mar ao mesmo tempo que convida a Diretoria da SBM e demais associados a uma visita a este Museu, situado na R. República do Equador, nº 81, Santos, SP.
- do sócio RENATO MOSCATELLI (SP) encaminhando inscrição de novo sócio e enviando matéria para VAMOS MANTER UMA ATIVIDADE INTERESSANTE ?
- da sócia MARIA FERNANDES (RN) acusando recebimento dos Informativos relativos aos meses de outubro, novembro e dezembro, destacando os artigos sobre "Botânica Amazônica" e "Recife estuda Moluscos", sem esquecer os magníficos trabalhos sobre Malacologia; dando os parabéns a Diretoria desta Revista tão "pequena no ta -

manho, porém, "grande" nas informações científicas; encaminhando pagamento da anuidade.

- da sócia MONICA JAKIEVICIUS (SP), encaminhando pagamento da anuidade de 1988.
- da sócia ROSA DE LIMA SILVA MELLO (PE), encaminhando relação de conchas para troca ou venda (Ver em outro local deste Informativo); enviando carta onde pergunta sobre anuidade de 88, e outras informações que estão na seção de PROGRAMAS E FUTUROS PROJETOS deste Informativo.
- do sócio JORGE PELLEGRINI (RJ), encaminhando pagamento da anuidade de 1988.
- da sócia ELIEGE DANIELLI (RS), encaminhando pagamento das anuidades de 1987 e 1988.
- do sócio MARCOS VINICIUS M. FERREIRA (RJ), encaminhando pagamento da anuidade de 1988.
- da sócia EDITH JUDITH KARKLIS VALLO (RJ), encaminhando pagamento da anuidade de 1988 e indagando sobre os Informativos de janeiro a maio.
- dos sócios MARTA CRISTINA DANTAS DURÃO e MARCO AURÉLIO ISSA NUNES (BA) encaminhando pagamento das anuidades de 1986.
- do sócio JOSÉ C. TARASCONI (RS), enviando pagamento da anuidade de 1988 e pagamento de exemplares extras do Informativo SBMa ; solicitando a continuação do encaminhamento de dois exemplares extras a partir do nº 74.
- do sócio MARCOS BOJCO (SP),enviando pagamento da anuidade de 1988.
- de GIL DA COSTA MARQUES, Vice-Coordenador das Sociedades Científicas, cópia de telegramas enviados para o Ministro da C & T na defesa de verbas para a proposta orçamentária para o ano de 1989.

- de ALFREDO GUI FERREIRA (RS) agradecendo o voto recebido como membro titular da área de Ciências da Vida na Comissão de Sociedades Científicas.
- de REINALDO GUIMARÃES, Diretor do II da FINEP, Financiadora de Estudos e Projetos, encaminhando o Relatório de Atividades de 1987 com 51 páginas belissimamente ilustrado.
- de CRODOWALDO PAVAN, Presidente do CNPq, informação à comunidade científica e tecnológica.
- do sócio LUPÉRCIO BEZERRA (PE), solicitando informação sobre a anuidade de 1988.
- de CAROLINA M. BORI, da Comissão de Coordenação Geral da 40a. Reunião Anual da SBPC, solicitando completar formulário para registrar a Exposição sobre conchas durante a 40a. SBPC, no Programa do evento.
- de GIL DA COSTA MARQUES, encaminhando a pedido de Nelson Maculam a ata da Reunião das Sociedades Científicas no IMPA, no aguardo de correções e/ou sugestões para a conclusão da ata e o envio às Sociedades Científicas; cópia do telex enviado ao ministro Renato Bayma Archer da Silva e a resposta do mesmo comunicando que o Conselho Nacional de Imigração aprovou a criação de um grupo de trabalho com vistas a realização de estudos a fim de simplificar e agilizar os processos de contratação de cientistas, técnicos e professores estrangeiros.
- do sócio JOSÉ WILLIBALDO THOMÉ (RS), encaminhando o Currículo Vitae e agradecendo a indicação para a Comissão de Especialistas ao Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia".

La Conchiglia
INTERNATIONAL SHELL MAGAZINE
Via C. Federici, 1 - Tel. 511.01.92
00147 ROMA (Italy)

REVISTA BIMENSAL - EDIÇÕES EM ITALIANO E EM INGLÊS
Assinatura Anual: US$ 17,00 Via Marítima
: US$ 24,00 Via Aérea
Maiores informações com R.MOSCATELLI a/c da S.B.M.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

- BRASILCIÊNCIA - Agenda Nacional de Eventos
  - nº 96 - Programação de 07 a 16 de maio de 1988
  - nº 97 - Programação de 14 a 23 de maio de 1988
  - nº 98 - Programação de 21 a 30 de maio de 1988

- XENOPHORA - Boletim da Associação Francesa de Conquiliologia
  nº 42: 1-32 (maio) - 1988

- ESPACIAL - Instituto de Pesquisas Especiais - INPE
  Ano 17 - nº 68 (Março-Abril) 1-2 - 1988

- THE WESTERN SOCIETY OF MALACOLOGISTS - Annual Report Abstracts and Proceedings of the Annual Meeting held at San Diego, California 21-25 June-1987. Vol. 20: 1-42, 1988.

- CENDOTEC - Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica
  - SOBRE O PROGRAMA EUREKA
  - ÓLEO NOS NEURÔNIOS
  - BACTÉRIAS OPERÁRIAS NA BOCA DAS MINAS

•

Colaboração:

KODAK BRASILEIRA COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA.

HOECHST DO BRASIL QUÍMICA E FARMACÊUTICA S.A.

Nanograf Antonio A. Nanó & Filho Ltda.